

Estrangeiros reduzem participação nos negócios de fusão e aquisição no Brasil

Investidores, porém, concentram foco em operações de grande porte no país e atingem máximas nesse tipo de transação

FÉ UM CONTEÚDO



11.abr.2024 às 10h00

Ouvir o texto

A- **A+**

Stéfanie Rigamonti

SÃO PAULO Empresas e [investidores estrangeiros](#) diminuíram a participação no total de negócios de [fusões e aquisições](#) no Brasil.

No entanto, eles aumentaram a presença nas transações de grande porte, atingindo máxima em dez anos nesse tipo de operação, segundo dados cruzados da TTR Data, a pedido da **Folha**, e de um levantamento da RGS Partners.

De 2013 para [2023](#), a porcentagem da participação de estrangeiros no total das fusões e aquisições consolidadas no país recuou de 46,6% para 29,7%, uma queda de 36,3% em uma década, segundo a TTR Data, que usa dados sem corte de valor.

Em setembro do ano passado, a multinacional suíça Nestlé anunciou a compra das marcas de chocolate brasileiras Copenhagen, Cacau Brasil e Kop Koffee - Fabrice Coffrini/ AFP

Ainda segundo a TTR, o valor total das transações envolvendo investidores internacionais no ano passado atingiu R\$ 155,7 bilhões, enquanto em 2013 esse montante foi de R\$ 177,4 bilhões, um recuo menor do que a participação dos estrangeiros nos negócios, de 12%.

Essa queda menor no valor das transações traz uma sinalização consolidada em outra pesquisa, feita pela RGS Partners com base em dados da S&P Capital IQ.

Segundo esse levantamento, de 2013 a 2023, o Brasil atingiu máxima na participação de estrangeiros em M&As (fusões e aquisições, na sigla em inglês) com valor acima de R\$ 50 milhões.

Há dez anos, a participação estrangeira nesse tipo de negócio era de 30% e no ano passado atingiu a máxima de 47%, mesmo com a queda no total das transações —que atingiu pico de 279 operações em 2021 e depois recuou para 125 no ano passado.

Em termos de valor, os estrangeiros representam uma fatia ainda maior.

Em 2013, a participação dos investidores internacionais era de 34% do valor total transacionado em M&As e no ano passado atingiu máxima de 58%, ultrapassando pela primeira vez no período o valor transacionado só por empresas locais.

"A gente teve um período relativamente longo no qual o investidor estrangeiro não foi o ator mais importante no segmento de M&A no Brasil. Isso parece que, em alguma medida, ficou para trás. A gente tem percebido o interesse maior de investidores estrangeiros nos mandatos que a gente tem dentro de casa e nas abordagens que a gente tem feito", diz Fábio Salazar, sócio da boutique mineira de investimentos Araújo Fontes.

A maior participação de estrangeiros em grandes negócios pode sinalizar a chegada de novos investidores internacionais ao país.

Também sócio na Araújo Fontes, Gederson Ferreira diz que, de maneira geral, os estrangeiros que procuram ampliar sua atuação geográfica e começam a investir em um determinado país buscam ativos maiores.

"O processo de M&A é, de certa maneira, complexo. Então, entrar em uma transação que faça a diferença, que traga um resultado significativo no setor em que esses investidores atuam, é certamente algo que eles procuram", afirma.

folha mercado

Receba no seu email o que de mais importante acontece na economia; aberta para não assinantes.

Digite seu e-mail



Rodrigo Mello, sócio-diretor da Seneca Evercore, concorda com essa visão. Ele diz que hoje os maiores negócios de fusão e aquisição no Brasil estão nas mãos dos estrangeiros, e exemplifica com casos em andamento, como o da Braskem, que tem no páreo para a compra da petroquímica os [árabes da estatal de petróleo Adnoc](#).

"Se uma empresa de fora está interessada em entrar em um determinado setor no Brasil, ela não vai comprar uma marca pouco conhecida, mas vai olhar para as maiores, porque é a porta de entrada dela no Brasil", diz.

Nesse sentido, Ricardo Jacomassi, sócio da TCP Partners, ressalta que os estrangeiros que olham para o Brasil procuram por setores que estão mais conectados com o mercado externo.

Ele dá como exemplos os segmentos de commodities, mineração, agronegócio, mercado financeiro e tecnologia. E esses negócios costumam se destacar pelo tamanho.

"Pela minha experiência, os investidores estrangeiros dificilmente entram em empresas que têm o Ebitda [lucro operacional] abaixo de US\$ 5 milhões. Tem que valer muito a pena em termos de crescimento, com uma tese de escalabilidade muito agressiva", diz.

Os especialistas lembram ainda o efeito da taxa de câmbio sobre a escolha dos estrangeiros em quais empresas investir no Brasil nos processos de M&As.

Em dez anos, a moeda brasileira se desvalorizou 150% ante o dólar, passando do patamar de R\$ 2 para os atuais R\$ 5. Portanto, para obter um retorno interessante para os estrangeiros na conversão do real para o dólar, as transações têm de ser maiores.



Fachada de loja da Arezzo na rua Oscar Freire, em São Paulo. Rubens Cavallari/Folhapress



Denis Morante, sócio-fundador da Fortezza Partners, diz que essa tendência veio para ficar. "Não precisa ser economista para saber que está mais fácil de a moeda brasileira valer R\$ 6 ante o dólar do que voltar para a casa dos R\$ 2", diz.

Morante chama a atenção para um caso recente de M&A que exemplifica essa situação, mas de forma oposta, com a saída, e não a entrada, de uma grande multinacional do país.

Recentemente, o grupo brasileiro de serviços indoor [GPS anunciou a compra do Grupo GRSA, da companhia britânica Compass Group](#).

No Brasil, o GRSA é uma das maiores empresas em refeições coletivas. Com faturamento da empresa em R\$ 3 bilhões, Morante lembra que, na conversão para a libra esterlina, o faturamento cai significativamente.

"O Brasil ficou tão pequeno que nosso dinheiro não faz cócegas nos estrangeiros", diz.

Segundo Morante, se a [situação fiscal do país](#) não for corrigida, e o câmbio não voltar para a casa do R\$ 4, será cada vez mais difícil atrair os investidores internacionais, que têm interesse em vir ao Brasil, mas não para serem pequenos, segundo ele.